

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ROBERTA REIS BATSCHAUER DA COSTA

Fanatismo de torcedores de futebol:
uma reflexão junguiana

SÃO PAULO
2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ROBERTA REIS BATSCHAUER DA COSTA

Fanatismo de torcedores de futebol:

uma reflexão junguiana

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Profa. Dra. Paula Guimarães.

SÃO PAULO

2024

Agradecimentos

Gostaria de começar agradecendo meus pais que nunca duvidaram da minha capacidade e sempre me incentivaram e me apoiaram a correr atrás dos meus sonhos, mesmo quando eu não acreditava que poderiam ser reais. À minha avó, que também sempre me apoiou, rezou por mim e me guiou ao longo dos anos.

À minha irmã, que é meu ponto de paz e tranquilidade; que mesmo nos dias mais difíceis, está comigo, me fazendo rir e me trazendo um chocolate. Ao meu namorado, que está comigo em todos os momentos, me apoiando, me incentivando, me ajudando nos dias mais cansativos e que sempre acreditou e me motivou a seguir na carreira de psicóloga.

À minha psicóloga, que é minha grande inspiração profissional, que sempre me incentivou a correr atrás dos meus sonhos e me mostrou que se eu precisasse, poderia contar com ela. À minha orientadora, que me ajudou a concretizar um dos meus sonhos que foi a produção deste TCC e que teve tanta paciência e tranquilidade durante esse processo que pode ser tão desgastante.

Aos meus amigos da PUC que, desde o início, me incentivaram e me apoiaram na escolha do tema e que compartilharam dos mesmos sentimentos, alegrias e angústias durante este tempo e durante a graduação inteira. Em especial, à Fernanda Russo, que foi minha grande companheira e aliada durante todo o período da faculdade, que me incentivou, me apoiou, riu, chorou, celebrou junto comigo e que, com certeza, fez este período da minha vida ser mais especial e alegre.

Às minhas amigas da escola que, mesmo não estando presentes fisicamente, fizeram parte deste momento comigo, me apoiando, me distraíndo quando já estava cansada, me divertindo e me acolhendo.

Aos participantes, que toparam fazer parte do meu TCC, que tiraram um tempo do dia para participarem e que demonstraram tanto interesse e dedicação em me ajudar nessa pesquisa; sem eles, nada disso teria sido possível.

Ao futebol brasileiro e a todos os torcedores que fazem esse esporte ser o que ele é, tão emocionante, transformador e incentivador. E, por fim, ao São Paulo Futebol Clube, que foi minha inspiração para esta pesquisa e que sempre será minha fonte de incentivo, alegrias, às vezes, algumas tristezas e de força.

ROBERTA REIS BATSCHAUER DA COSTA. **Fanatismo de torcedores de futebol**: uma reflexão junguiana. São Paulo, 2024. Orientação: Profa Dra Paula Pinheiro Varela Guimarães.

RESUMO

Este trabalho propõe-se a investigar os motivos pelos quais torcedores de futebol são fanáticos, sob referencial teórico da Psicologia Analítica. A revisão bibliográfica desta pesquisa abarcou os conceitos de ego, consciência, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo e símbolo, bem como os temas fanatismo, violência, relevância do futebol na cultura brasileira, surgimento das torcidas organizadas no Brasil e violência das torcidas nos dias atuais, sob a perspectiva junguiana. Os capítulos teóricos, portanto, apresentaram discussões e conceituações, com base na produção de autores como Carl Gustav Jung, Carlos Byington, Carlos Alberto Máximo Pimenta, Luiz Henrique de Toledo, Bernardo Borges Buarque de Hollanda, entre outros. O método de pesquisa incluiu entrevistas semi-dirigidas com três participantes, as quais foram transcritas e, após sua leitura, constatou-se que os dados coletados expressaram similaridades entre os entrevistados, de modo a serem elaborados os seguintes grupos temáticos: influência familiar e a histórica com o futebol; violência; senso de pertencimento e seus impactos positivos; o time como símbolo. Estes, por sua vez, foram analisados com base no exposto nos capítulos teóricos, o que culminou na conclusão de que alguns dos fatores que influenciam o fanatismo dos participantes por seus times são a influência familiar e sua relação com a história com o futebol; o senso de pertencimento a uma massa, representada pela torcida, o que desdobra em impactos negativos e positivos; e, sobretudo, o caráter simbólico do qual o time é investido.

Palavras-chave: futebol, torcedor, fanatismo, fenômeno de massa, Psicologia Analítica.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	07
2 A história do futebol e a sua vinda para o Brasil.....	08
2.1 A importância do futebol na cultura brasileira.....	09
2.1.1 O surgimento das torcidas organizadas no Brasil.....	10
3 Fanatismo e violência.....	13
3.1 Fanatismo e violência nas torcidas nos dias de hoje.....	14
4 Conceituações da Psicologia Analítica.....	17
5 Objetivo.....	19
5.1 Objetivo geral.....	19
5.2 Objetivos específicos.....	19
6 Método.....	20
6.1 Participantes.....	20
6.1.1 Critérios de inclusão.....	20
6.2 Local de Coletas de Dados.....	21
6.3 Instrumentos.....	21
6.4 Procedimento.....	21
6.5 Cuidados Éticos.....	21

7 Resultados e Análise.....	23
7.1 Influência familiar e a história com o futebol.....	23
7.2 Violência.....	25
7.3 Senso de Pertencimento e seus impactos positivos.....	26
7.4 O time como símbolo.....	28
8 Considerações Finais.....	35

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro da entrevista semi-dirigida

Apêndice B – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Apêndice C - Transcrição da entrevista do participante R.

Apêndice D - Transcrição da entrevista do participante C.

Apêndice E - Transcrição da entrevista do participante L.

1 Introdução

Desde que sou criança, o esporte está presente na minha vida, principalmente o futebol. Ao pensar na minha infância, digo que, no lugar das músicas de ninar, lembro-me da voz de comentaristas e narradores descrevendo jogos e das comemorações por parte dos torcedores que estavam no estádio e do meu pai.

Por isso, sempre tive contato próximo com o mundo do esporte e, recentemente, durante a pandemia de COVID-19, assistir aos jogos de futebol tornou-se uma forma de escapar da realidade que nos circundava e de distrair minha cabeça dos inúmeros pensamentos e incertezas que a rodeavam. Com o tempo, percebi que este esporte é visto de maneira estigmatizada, principalmente, em razão de suas torcidas organizadas que compõem grande parte do mundo futebolístico e têm, como uma das suas principais características, a violência perante times e torcidas rivais.

Desse modo, esta pesquisa tem como objetivo compreender, por meio de entrevistas e análises com base em fontes bibliográficas, os fatores que levam um torcedor de futebol a ser fanático. Logo, é cabível dizer que este estudo possui relevância, pois o fanatismo relacionado ao futebol é um tema ainda não muito estudado e seu aprofundamento pode ser ampliado para outros âmbitos da sociedade, já que traz conceitos, tais como o próprio fanatismo, que podem ser encontrados em diversas situações sociais.

A fim de responder ao objetivo proposto, nos próximos capítulos, serão apresentados os seguintes temas: a história do futebol e sua vinda para o Brasil; a importância do futebol na cultura brasileira; o surgimento das torcidas organizadas no Brasil; fanatismo e violência; fanatismo e violência nas torcidas nos dias atuais. Em seguida, serão abordados os conceitos de ego, consciência, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo e símbolo, sob referencial teórico da Psicologia Analítica. Então serão explicitados os objetivos e o método de pesquisa para, posteriormente, serem apresentados os resultados, os quais foram analisados e discutidos com base no exposto no transcrito dos capítulos teóricos, culminando nas respostas aos objetivos propostos, elucidadas nas considerações finais deste trabalho.

2 A história do futebol e sua vinda para o Brasil

A violência nos esportes é um tópico muito discutido nos meios midiáticos e televisivos ao redor do mundo, sendo cada vez mais frequente e por causas diversas. O futebol, em virtude de ser o esporte mais popular do mundo, principalmente na África, Europa, América Central e do Sul (ELÍSIOS, 2022), abarca grande parte dessa violência, presente desde seus primórdios.

Entende-se que o futebol que conhecemos hoje surgiu na Inglaterra e, no primeiro momento, o chute na bola de couro simbolizava a expulsão dos dinamarqueses do país e acontecia anualmente, mas, com o passar do tempo, a prática popularizou-se e começou a ser realizada com maior frequência. Contudo, não existiam regras estabelecidas, então os jogadores utilizavam, principalmente, a força física para conterem os adversários e avançarem no jogo, fazendo com que o esporte fosse visto como uma atividade violenta e proibida por aproximadamente cinco anos (HOBSBAWM, 1987).

Em meados do século XIX, o futebol voltou a ser praticado com frequência pelos trabalhadores que utilizavam suas folgas nas tardes de sábado para jogarem e foi implementado em algumas escolas inglesas, com o objetivo de doutrinar valores burgueses aos alunos, já que propagava a competitividade dentro de regras preestabelecidas (HELAL, 1997). Nessa época, a ascensão do esporte passou a ser mundial e, entre os anos finais do século, o futebol começou a fazer parte da vida da elite brasileira, por meio da prática recreativa e da paixão pelos clubes regionais e nacionais (BEZERRA, 2017).

Por consequência, surgem as primeiras torcidas organizadas no Brasil, por volta dos anos 40, compostas por um chefe, aquele que tomou a iniciativa de criar o grupo, e os demais participantes. Até aqui, não havia muitas regras estabelecidas associadas às torcidas (MURAD, 2007).

Em decorrência do crescimento rápido e expansivo desse esporte, foram realizadas algumas mudanças no cenário futebolístico a partir dos anos 70, sendo que a principal delas foi a transformação do futebol em mercadoria, o que acarretou investimento significativo por parte do Estado na estrutura de base, ou seja, nos estádios e nas torcidas organizadas de cada time. Esta entrada de capital obrigou as torcidas a se reestruturarem, já que os grupos não eram apenas conglomerados de pessoas que tinham como única finalidade torcer para o mesmo time, agora, estes eram vistos de forma similar a empresas, uma vez que se caracterizavam pela circulação de capitais.

Dessa forma, o aumento do público que acompanhava e participava do cenário esportivo desdobrou no crescimento da violência, pois mais torcedores de times rivais encontravam-se dentro e fora dos estádios, aumentando a tensão e a violência entre eles, observadas até os dias de hoje.

Tendo em vista que a análise dos comportamentos violentos das torcidas organizadas de futebol, baseada nas concepções junguianas de fanatismo e violência, é pouco explorada, o presente estudo faz-se necessário para compreender e explicar essa relação, bem como para contribuir com as discussões dos conceitos citados anteriormente, podendo ampliá-los para outros âmbitos.

2.1 A importância do futebol na cultura brasileira

Na época em que o futebol chegou e entrou em ascensão no Brasil, entre 1888 e 1900, o país enfrentava uma reforma política, a passagem do período imperial para a república. Essa mudança trouxe consigo progressos significativos para o Estado, como a criação da primeira Constituição e a abolição da escravatura, em contrapartida, discursos higienistas e de embranquecimento da população davam espaço para ideais racistas serem propagados pela alta classe da sociedade brasileira.

Nesta época, o futebol era um esporte jogado apenas pela elite branca brasileira, que o via como instrumento, por meio da disciplina e obediência imposta pelo comandante do time, para o desenvolvimento de uma sociedade considerada mais civilizada, ou seja, majoritariamente branca e ditada por padrões europeus, com vistas a demonstrar a pretensa superioridade da classe que o exercitava sobre as demais (PARDINI, 2009).

Entretanto, essa divisão não durou muito tempo, visto que, mediante o aumento da industrialização no país, os que não pertenciam à elite começaram a trabalhar nas fábricas e nas lojas das cidades, bem como passaram a circular em espaços em que, anteriormente, não eram aceitos e a recriarem campos de futebol nos terrenos baldios próximos às suas moradias até que, em 1927, são abolidas as proibições dos negros praticarem futebol.

Nas partidas, então, cria-se um ambiente possivelmente mais democrático, devido à mistura de etnias em campo, o que leva o esporte a assumir um aspecto mais popular na sociedade, abrindo portas para jogadores como Pelé, atuante entre 1956 e 1977, fazerem história no futebol mundial.

Dito isso, é possível perceber que a relação do Brasil e da cultura brasileira com o futebol não é recente. Da Matta (1982) discorre que “O futebol praticado, vivido, discutido e

teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (p. 21), ou seja, o futebol é visto como símbolo de representação e luta dos brasileiros.

Atualmente, a relação entre o futebol e a cultura pode ser vista, por exemplo, através do público médio de torcedores em um jogo do Campeonato Brasileiro, dado que, segundo Lin (2022) em artigo na Radioagência Nacional, os jogos do Brasileirão de 2022 tinham, em média, 21.700 (vinte e um mil e setecentos) torcedores.

2.2 O surgimento das torcidas organizadas no Brasil

Entre o fim dos anos 30 e começo dos anos 40, os torcedores eram conhecidos como torcidas voluntárias que existiam para demonstrar a paixão e a simpatia pelos seus times de maneira unificada, sendo restritas aos campos de futebol durante os jogos e não possuindo estrutura específica (SOBRINHO, CÉSAR, 2008).

A partir dos anos 40, começam a aparecer os primeiros registros de torcidas organizadas no Brasil, com a criação da Torcida Uniformizada do São Paulo e mais tarde, em 1942, com a Charanga do Flamengo (MURAD, 2007). Estas tinham uma estrutura básica: um chefe de torcida que agregava diversos admiradores, com o mesmo objetivo das torcidas voluntárias, a saber, demonstrar a paixão que tinham pelos seus times (TOLEDO, 1996). Entretanto, com o avanço da industrialização e da criação de novas torcidas no país, esses grupos passaram a ser relevantes para a economia e para a política do Estado.

Entre o fim da década de 60 e o começo da década de 70, ocorreu uma busca descontrolada pelos desenvolvimentos industrial e econômico no país, o que provocou o “[...] esvaziamento do sujeito social, no sentido coletivo do termo, e a desarticulação das relações na esfera do público, reforçando as individualizações e as atomizações dos movimentos sociais [...]” (PIMENTA, 2000, p. 41). Ou seja, o foco no capital perpassava os movimentos e os grupos sociais, incluindo as torcidas organizadas de futebol.

Neste momento em que o desenvolvimento econômico no país era tratado como mais importante do que o desenvolvimento social, fosse representado por torcidas organizadas ou grupos militantes, a disputa pelo poder de atuação nos clubes fez com que o apoio e a paixão incondicional pelos times não fossem mais as únicas motivações para as torcidas organizadas existirem; era preciso, também, incluir as novas formas de torcer estimuladas pelo aumento do capitalismo (HOLLANDA, 2008).

Passa-se a ver o aumento do interesse daqueles que não faziam parte das torcidas, atraídos pelos uniformes, cantos de guerra, coreografias, força e união do grupo. Dentro desses círculos, o torcedor

[...] não é mais um mero espectador do ‘jogo’, ele é parte do espetáculo, ele é o espetáculo. No grupo ele expressa sua masculinidade, seus sentimentos de solidariedade, de companheirismo e de pertencimento em um grupo que o acolhe. (PIMENTA, 2000, p. 125)

Seguidamente, nos anos 80, há queda do público e aumento da violência nos estádios, o que se deu, principalmente, pelas vendas de jogadores importantes para o exterior e pelos altos preços cobrados pelos ingressos (TOLEDO, 1996), contudo, foi nesta época que ocorreu a solidificação das torcidas organizadas, no que diz respeito aos níveis de participação no mundo do futebol e de organização burocrática. É o período de ápice das torcidas, que expressavam bonitos espetáculos de coreografias e hinos melodiosos durante os jogos (REIS, 2003).

Já em 1990, houve o reinvestimento de capital no futebol, conforme apresentado por Pimenta (2000). A Mancha Verde passa de 4.000 (quatro mil) para 18.000 (dezoito mil) sócios em 1996; A Independente, que antes tinha 7.000 (sete mil) membros, em 1996, passa para 28.000 (vinte e oito mil); e a Gaviões da Fiel, a maior torcida organizada do Brasil, passou de 12.000 (doze mil) para 46.000 (quarenta e seis mil) agregados.

Entretanto, a violência apresentada na década anterior intensificou-se e, em 1995, ocorreu uma briga entre duas torcidas organizadas (a Mancha Verde e a Independente) no estádio do Pacaembu, tornando-se um marco da violência entre torcidas (PIMENTA, 2000; REIS, 2006; TOLEDO, 1996). A notícia foi divulgada pelo jornal A Folha de São Paulo:

As torcidas de Palmeiras e São Paulo travaram uma guerra, ontem, no estádio do Pacaembu. A batalha, de socos, paus e pedras, aconteceu em seguida à conquista, pelo Palmeiras, da Supercopa São Paulo de Juniores, pouco depois do meio-dia. Segundo balanço oficial, 80 torcedores e 22 policiais saíram feridos. Um dos feridos graves é Paulo Serdan, presidente da Mancha Verde, a maior e mais violenta torcida organizada do Palmeiras, atingido no olho esquerdo. (FONTENELLE, RIBEIRO, 1995, n.p.)

Esse caso resultou no afastamento das torcidas dos jogos por dois anos e na criação de regras internas que puniam comportamentos violentos. Então, em 1997, houve o retorno dessas torcidas aos estádios e, com elas, da violência que havia diminuído, em virtude das medidas proibitivas. O aumento da violência foi tão exponencial que, em 2003, criou-se o

Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT), sob a justificativa de ser necessário aperfeiçoar as normas de sociabilidade nos espaços públicos e privados das diferentes práticas esportivas que congregam um público elevado.

Sendo assim, pode-se dizer que os atos de violência ocorrem até os dias de hoje e são vistos, por exemplo, na política de torcida única, criada em 2016, após um confronto entre Palmeiras e Corinthians no estádio do Pacaembu, que resultou na morte de uma pessoa (UNIVERSO ONLINE - UOL, 2022). Essa política proíbe que, em jogos clássicos no Estado de São Paulo – aqueles que envolvem os times São Paulo, Corinthians, Palmeiras e Santos -, haja a presença de mais de uma torcida, a fim de serem evitados conflitos.

3 Fanatismo e violência

Considerando a repetição e a permanência dos comportamentos agressivos pelas torcidas organizadas de futebol ao longo dos anos, faz-se necessário compreender, neste estudo, as concepções de fanatismo e violência.

Antes de adentrar esses conceitos, é importante explicitar que, segundo a Psicologia Analítica, o consciente e o inconsciente pessoal, dificilmente, estão de acordo em suas tendências e conteúdos, dada a inibição imposta pela consciência do ego sobre todo o material que é incompatível a ela, conseqüentemente, este imerge no inconsciente. É justamente por isso que é possível afirmar que o inconsciente complementa a consciência e que eles se comportam de forma compensatória (JUNG, [1916] 2011).

Tendo em vista o exposto, cabe, agora, aprofundar os conceitos anunciados. O fanatismo, segundo Jung ([1973] 2011), representa uma dúvida secreta e inconsciente, uma forma de evitar as próprias incertezas, cuja consequência é a certeza que a pessoa fanática demonstra de que sua verdade é indiscutível e superior às demais, o que, por sua vez, se expressa por meio de uma postura absoluta e assertiva perante os contrários a ela.

No caso da vivência em grandes grupos, Jung ([1973] 2011) discorre que essas situações fazem com que o nível da consciência individual dos sujeitos seja rebaixado, devido à identificação deles com o comportamento coletivo. Então pode-se dizer que há uma parte no fanatismo que elucida o aspecto compensatório, citado anteriormente, da operação psíquica que está presente. Sendo assim, é possível considerar que umas das formas pelas quais o fanático autodeclara-se dá-se pelo ódio, por não saber lidar e por temer o estranho e o diferente. Essa estranheza que, na verdade, é dele mesmo por evitar ter contato com suas dúvidas e inseguranças, temendo a si próprio e a essa parte reprimida.

Antes de adentrar o conceito de violência, explicita-se a dicotomia fundamental da vida humana, segundo a visão de Jung ([1916] 2011); como ilustração, dentre as polaridades sobre as quais discorreu ao longo de sua obra, tem-se aquela entre Eros e Poder, de modo que onde há amor, não há poder e vice-versa. O poder, nesse caso, está relacionado ao que Jung ([1916] 2011) denomina complexo de poder, um conjunto de aspirações e representações inconscientes associadas a uma atitude que busca submeter todas as experiências e influências ao ego (JUNG, [1916] 2011). Então quanto mais energizado e arraigado no inconsciente for o complexo de poder, mais haverá a inflação do ego e mais justificável parecerá o uso da violência, por exemplo, para resolver certa situação.

Ainda, é preciso salientar que, para Jung ([1946-1955] 2003), o indivíduo não age, necessariamente, de modo violento, pois pode ter a liberdade e o discernimento que lhe possibilitem lidar com a realidade e com seus instintos, mesmo os atrelados ao poder, sem utilizar a violência. Contudo, caso não desenvolva tal atitude, pode vir a dar vazão aos seus instintos justamente através da violência, de um modo significativamente primitivo. Em um trecho de O Livro Vermelho, Jung (2019) discorre:

[...] os pensamentos crescem em mim como uma floresta, diversos animais a habitam. Mas o ser humano é autoritário em seu pensar e com isso mata o prazer da floresta e dos animais selvagens. O ser humano é violento em sua cobiça, e ele mesmo se torna a floresta e animal selvagem [...]. (p. 250).

Observa-se a noção da violência em conjunto com grupos e massas, manifestando-se por meio da sujeição sem julgamentos à cultura violenta e aos valores que a compõem, mediante a imersão indiferenciada na coletividade, bem como da consequente perda da individualidade e de sua capacidade de reflexão crítica. Jung ([1957] 2013) acrescenta que quanto mais massificado, mais barbarizado torna-se o indivíduo e, a partir dessa brutalização, surgem as denominadas epidemias psíquicas.

Uma argumentação racional é apenas possível e profícua quando as emoções provocadas por alguma situação não ultrapassam determinado ponto crítico. Pois quando a temperatura afetiva se eleva para além desse nível, a razão perde sua possibilidade efetiva, surgindo em seu lugar (...) uma espécie de possessão coletiva que, progressivamente, conduz a uma epidemia psíquica. Nestas condições, prevalecem todos os elementos da população que levam uma existência anti-social, tolerada pela ordem da razão. (JUNG, [1957] 2013, § 490)

3.1 Fanatismo e violência nas torcidas nos dias de hoje

Tendo em vista os conceitos de fanatismo e violência apresentados anteriormente, é interessante discorrer sobre como estes articulam-se com os comportamentos das torcidas organizadas atualmente.

Em um estudo realizado por Palhares e Schwartz, em 2015, cujos participantes foram os membros da torcida organizada do São Paulo Futebol Clube, foi possível perceber que, ao serem questionados acerca do motivo para se comportarem de maneira violenta, muitos não souberam responder, como exemplificado através da fala de um dos agregados:

Por que acontece a violência no futebol? É um bando de babaca, cara. Deveria ser pela rivalidade e tal, mas se você for pensar mesmo, analisar... eu já briguei muito, mas por quê, cara? Por que eu tô fazendo isso? Você mata um cara, o cara tem uma mãe, você vai dar uma pedrada na cabeça do cara, o cara fica internado, perde o emprego... Aí eu num sei, cara, o porquê... Como... como acontece é fácil, né, meu? Basta você ver, encontrar o rival, aí acontece... Agora, o porquê? Num tem um porquê, não. (PALHARES, SCHWARTZ, 2015, p. 32)

Alguns torcedores entrevistados nesta pesquisa esclareceram que, em certos casos, o uso da violência é justificável, em função de sentimento de vingança, história de confrontos entre as mesmas torcidas organizadas, ser uma maneira de defesa a ataques anteriores e a violência ser uma das partes que compõem a sociedade.

Com base no exposto no capítulo anterior acerca de fenômenos de massa, segundo as elaborações de Jung ([1957] 2013), é possível perceber, nesses discursos, o rebaixamento da consciência do sujeito, ou seja, dado estar inserido na massa que o induz a agir a partir das vontades da coletividade, seus comportamentos podem resultar em ações que não teriam sido realizadas se não fosse pelo contexto grupal, sendo que muitos destes comportamentos são concebidos como agressivos e fanáticos.

No fanatismo, como explicitado anteriormente, há a identificação exacerbada do torcedor com o time, ambos tornam-se uma identidade única, então aquilo que ocorre com o time tem impacto no sujeito (BANDEIRA, RAMOS, 2020). Nesses casos, ocorre a diminuição da influência das características pessoais nos comportamentos, resultando na diluição da singularidade, com isso, a pessoa é incorporada pela multidão e a energia necessária para permanecer nela é menor quando comparada à energia requerida para manter a personalidade individual (JUNG, [1951] 2012).

Tendo em vista a rivalidade entre as torcidas, os participantes da pesquisa, realizada por Palhares e Schwartz (2015), relataram que o fato de certo grupo ser rival ao deles justifica a ocorrência de confrontos físicos, pois os componentes da torcida contrária são vistos como inimigos e passíveis de agressão, o que representa, mais uma vez, a força que o fanatismo e a violência cometida pela massa têm sobre o ser humano.

Ainda, a presença pungente do futebol na cultura brasileira, discutida anteriormente, impacta os comportamentos das torcidas. Em um dos trechos da citada pesquisa, o torcedor, ao ser questionado sobre a causa das brigas entre as torcidas, responde:

Porque ali já tem alguma história, eles já brigaram alguma outra vez, já pegaram alguém na rua... às vezes pega um amigo em uns trinta, aí os caras vão lá para vingar os caras, e é assim que acontece. (PALHARES, SCHWARTZ, 2015, p. 44)

Segundo os autores, essa fala representa o peso que a história do time e suas relações de aliança e confronto possuem sobre os comportamentos dos membros perante as outras torcidas. Sendo assim, cabe dizer que o torcedor projeta a culpa, o mal e os defeitos no seu adversário para justificar, inconscientemente, os comportamentos violentos; e quando isso ocorre, o ato da violência parece justificável para a massa (BANDEIRA, RAMOS, 2020).

4 Conceituações da Psicologia Analítica

A fim de melhor compreender o funcionamento do fanatismo e sua presença na vida humana, é interessante salientar alguns conceitos da Psicologia Analítica que ajudam a entender esse fenômeno, usualmente, presente em massas. A começar pelo conceito de ego, tem-se que este se afigura como o centro organizador do campo da consciência, ou seja, um elemento psíquico somente é considerado consciente quando está referido ao complexo do eu (JUNG, [1921] 1976). Desse modo, o autor expõe que os conteúdos da consciência são aqueles que o indivíduo conhece e acessa, tanto referentes a ele mesmo quanto ao mundo exterior, ao passo que o ego representa sua individualidade e a concepção que possui acerca de sua personalidade.

Por sua vez, o inconsciente abrange todos os conteúdos que não estão referidos ao eu e abarca duas dimensões: o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. O segundo contempla as potencialidades de desenvolvimento psíquico denominadas arquétipos, os quais são herdados através das gerações, logo, são inatos e estão presentes na psique de todos os indivíduos, ou seja, são universais e pertencem à própria humanidade (JUNG, [1921] 1976). A título de ilustração, o autor aborda que os arquétipos manifestam-se através de conexões místicas e imagens que “[...] podem reaparecer sem tradição histórica nem prévia migração” (JUNG, [1921] 1976, § 851) em artes, mitos, sonhos, contos, padrões de comportamento e pensamento, portanto, em produções individuais e coletivas.

O inconsciente pessoal contém conteúdos decorrentes de vivências individuais, sejam esquecidos, aqueles que ocuparam o campo da consciência em algum momento, mas perderam carga energética, sendo deslocados ao inconsciente; subliminares, os que não apresentaram carga energética suficiente para reterem a atenção do ego; ou reprimidos, focos de repressão pelo ego em decorrência de dissonância em relação àquilo que considera ser parte de si (JUNG, [1921] 1976).

Ainda, é importante destacar o conceito de símbolo, que também está relacionado aos fenômenos de massa e ao fanatismo. O símbolo pode ser concebido, segundo Jung ([1921] 1976), como a melhor expressão de uma realidade parcialmente inconsciente, de modo a só se manter vivo enquanto estiver repleto de significados e, conseqüentemente, mobilizar a consciência, visto que

[...] logo que o seu sentido se esclarece, quer dizer, quando se encontra a expressão que formula melhor do que o símbolo a coisa procurada, esperada ou pressentida, pode-se então afirmar que o símbolo morre. (JUNG, [1921] 1976, § 905)

Ainda segundo o autor, diante da tensão entre conteúdos conscientes e seus opostos inconscientes, os símbolos emergem na forma de um terceiro elemento, como uma tentativa de solução e reconciliação entre tais polaridades, portanto, sua formulação implica a cooperação entre os âmbitos consciente e inconsciente, exprimindo aspectos de ambos os pólos psíquicos. Pensando no contexto do futebol, o gol pode ser visto como o maior símbolo, segundo Byington (2019), uma vez que

Ele representa a morte simbólica do adversário e atinge intensa profundidade porque a mandala do campo permite que, através do centro, tudo recomece e o time que “morreu” na derrota renasça e volte a lutar. (...) A vivência de sofrer o gol e de fazer o gol se complementam e formam um todo emocional consagrando o mistério da transformação. (p. 237)

5 Objetivo

5.1 Objetivo geral

Compreender os motivos pelos quais torcedores de futebol são fanáticos, sob referencial teórico da Psicologia Analítica.

5.2 Objetivos específicos

- Compreender a escolha de torcer por determinado time;
- Analisar os sentimentos relacionados ao time para o qual torce;
- Observar a relação entre o fanatismo e a violência;
- Investigar os impactos de pertencer a um time e a uma torcida;
- Analisar os símbolos atribuídos ao time para o qual torce.

6 Método

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa com enfoque junguiano, cuja metodologia, segundo Penna (2009):

[...] se baseia numa perspectiva epistemológica em que o conhecimento resulta de processos dinâmicos que fluem dialeticamente (...). Do ponto de vista metodológico, os fenômenos são considerados em função do contexto em que são investigados, do seu significado e valor tanto individual como social; tanto a objetividade quanto a subjetividade são consideradas, sendo que a intersubjetividade se configura como a melhor posição possível do pesquisador diante do conhecimento e de seu objeto de investigação. (p. 63-64)

Realizou-se revisão bibliográfica acerca de conceitos da Psicologia Analítica, como símbolo, ego, consciência, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo, com base nas obras de Carl Gustav Jung e em produções de junguianos, bem como sobre temas atinentes ao fanatismo, violência, a história do futebol e das torcidas organizadas. A fim de realizar tal levantamento, foram realizadas buscas de livros na Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri do Campus Monte Alegre - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no acervo pessoal da pesquisadora e na plataforma Google Acadêmico, assim como de artigos em sites de repositórios acadêmico-científicos, tais quais Scielo e Pepsic.

6.1 Participantes

Os participantes de pesquisa foram três homens que se declaravam fanáticos por seus times de futebol, possuíam idades entre 27 e 54 e residiam na cidade de São Paulo.

6.1.1 Critérios de inclusão

Os participantes da pesquisa deveriam ser três pessoas que se considerassem fanáticas pelos seus times de futebol, possuísem entre 20 e 60 anos de idade e fossem residentes na cidade de São Paulo.

6.2 Local de coleta de dados

Os dados foram coletados de forma *online*, conforme a disponibilidade do participante. Em caso da opção pelo encontro presencial, este será feito em local de preferência do participante, desde que ofereça as condições adequadas para a garantia do sigilo.

6.3 Instrumentos

A pesquisadora realizou entrevista semi-dirigida e individual com cada participante, cujo roteiro consta no apêndice A. O objetivo das entrevistas foi o coletar dados que permitissem compreender os aspectos, inclusive simbólicos, do fanatismo por um time de futebol.

6.4 Procedimento

Realizou-se uma entrevista com cada participante, o que resultou em material composto por três entrevistas, cuja análise contemplou a transcrição de cada uma delas, a leitura comparativa entre os dados coletados e a divisão dos conteúdos emergentes nos relatos dos participantes que apresentassem similaridades em grupos temáticos, sendo eles: Influência familiar e história com o futebol; Violência; Senso de pertencimento e seus impactos positivos; O time como símbolo. Em seguida, estes grupos foram analisados e discutidos mediante articulação com o referencial exposto nos capítulos teóricos, com vistas responder os objetivos desta pesquisa,

6.5 Cuidados Éticos

Os devidos cuidados éticos foram seguidos, de acordo com as determinações da resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, complementada pela resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (CNS).

Utilizou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi apresentado antes da condução da entrevista e, após sua realização, foi colhida a assinatura do participante. O modelo do TCLE encontra-se no apêndice B.

O projeto de pesquisa foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), mediante inserção na Plataforma Brasil. Após o parecer favorável, sob nº 6.543.985, a pesquisadora iniciou a coleta de dados.

Caso surgissem conteúdos de difícil contato para algum participante, a pesquisadora realizaria escuta diferenciada da situação de pesquisa, de modo a acolhê-lo, contudo, esta situação não ocorreu no decorrer deste estudo.

7 Resultados e Análise

A partir da análise das respostas dos participantes no decorrer das entrevistas, foi possível perceber que determinados temas emergiram prevalentemente e pareceram mobilizar os participantes. Portanto, tais elementos originaram grupos temáticos, cuja investigação aprofundada é essencial para a compreensão dos possíveis aspectos atrelados ao fanatismo por torcedores de futebol.

7.1 Influência familiar e história com o futebol

A família, sob a ótica da Psicologia Analítica, pode ser vista como um sistema fundamental dentro do conceito de Self familiar, em que os membros e os papéis por eles desempenhados são representativos e influenciam a estrutura compartilhada, podendo atuar de maneira saudável ou defensiva. A configuração desse sistema influencia significativamente a formação da identidade de cada integrante, logo, o Self familiar contempla todas as interações possíveis entre seus membros ao longo do tempo e espaço, podendo ser representado como uma mandala que engloba todas as fases da vida, desde o nascimento até a morte (BYINGTON, 2008).

O tema da família esteve presente em todas as entrevistas, mas de formas e com intensidades distintas. O participante R. relata que sua paixão pelo futebol, sobretudo pelo time Palmeiras, começou mediante a influência de sua mãe e sua avó, também palmeirenses, bem como diante da vontade de se opor ao seu pai e aos demais homens da família que, por sua vez, torcem para o Corinthians ou para outro time. Em decorrência dessa divergência, sua primeira experiência em um estádio apenas ocorreu quando já tinha 13 anos e, desde então, a paixão pelo time tem crescido. Outro elemento trazido pelo participante trata-se das discussões sobre futebol entre ele e seu pai, conforme sua fala: “[...] *já me estranhei bastante com meu pai por conta de time, já ficamos sem se falar, tanto que, até hoje, não assistimos clássico juntos porque ele é fanático também [...]*” (Apêndice C).

Por outro lado, o participante C. conta que sua paixão pelo futebol, nomeadamente pelo time Corinthians, iniciou em virtude de seu intenso vínculo com o tio materno, também um corinthiano apaixonado; como ilustração, diz que, desde sempre, assistia ao futebol com seu tio e se recorda da casa alegre e animada quando o time ganhava. Além disso, o entrevistado relata que, após se tornar pai, a paixão e a relação com seu time tornaram-se ainda maiores.

Eu tenho filhos agora, né? Então essa relação com o meu filho, com a minha filha, meu filho mais velho já foi muitas vezes para a arena comigo, já foi até ver o jogo fora, a gente foi a Bragança, muito legal. Minha filha pequenininha, eu a levei com nove meses para o estádio, foi uma delícia, foi maravilhoso. E aí, com filho, essa coisa ainda fica maior, fica mais amplificada, assim. (Apêndice D)

Por fim, o terceiro entrevistado (participante L.) acredita que sua forte conexão com o time São Paulo começou mediante a influência de seu pai, mas se perpetuou devido ao interesse e à curiosidade individuais de acompanhar o time, logo, não à figura paterna, conforme sua fala: “[...] *por influência do meu pai, que é um são paulino, mas não é um cara fanático (...). O componente inicial foi meu pai, que é simpatizante do São Paulo e, portanto, aí, essa ligação dele; ainda que superficial, fez com que eu me vinculasse ao time dos campeões*” (Apêndice E).

Sendo assim, constata-se que as famílias, em graus e de modos distintos, foram fundamentais para que os participantes se tornassem fanáticos pelos seus respectivos times, seja em razão de familiares ascendentes terem apresentando-os, havido a intensificação do amor pelo time após o nascimento de filhos ou, até mesmo, colocando-se como forma de oposição aos demais homens que compõe a família.

Desse modo, pode-se correlacionar os relatos dos participantes à concepção de Byington (2008) de que o Self familiar contempla todas as interações possíveis entre os membros familiares, englobando todas as fases da vida, visto que a influência do sistema familiar na formação da identidade dos participantes também encontra expressão no que tange à perpetuação da adoração por dado time de futebol ao longo do tempo, de forma a remontar aos ascendentes e prosseguir aos descendentes.

No tocante à história com o futebol, todos os participantes revelam que suas paixões iniciaram na infância. O entrevistado R comenta que seu fascínio começou quando jogava bola e, mais tarde, vendo os jogadores do Palmeiras treinando no clube

A minha paixão começou quando eu jogava bola; desde moleque, sonhava em ser jogador de futebol. Quando eu era mais novo, não via tanto futebol, gostava mais de jogar. Cresci dentro do Palmeiras, eu era sócio do clube [...] minha paixão mesmo começou quando eu jogava bola e, mais tarde, vendo os jogadores profissionais treinando no clube (Apêndice C).

Já o participante C. diz que sua história com o futebol começou em casa, assistindo aos jogos com a sua família e sentindo a energia e a alegria de todos ao verem o Corinthians jogar, então acrescenta “*Minha primeira lembrança é com 6 anos, o gol do Viola em 88. Ele fez um gol na final do Paulista em 88 e eu lembro da casa em festa*” (Anexo D).

Por fim, o participante L. não soube explicar, ao certo, como começou sua paixão pelo futebol, mas afirma que, desde os 4 anos, interessava-se muito por notícias e curiosidades sobre o time São Paulo, então estava sempre indo atrás de informações a seu respeito.

Cabe destacar que a paixão pelo futebol dos três entrevistados começou na infância e deu-se através de um time apreciado, anteriormente, por um ou mais membros de suas famílias, portanto, é possível estabelecer relação com a influência dos familiares ou cuidadores no desenvolvimento e na estruturação da identidade do indivíduo, conforme exposto por Byington (2008).

7.2 Violência

O tema violência foi abordado durante as entrevistas, por meio de questionamentos aos participantes acerca de possível envolvimento em conflitos relacionados a seus times. Todos os participantes dizem que já travaram discussões sobre os times de futebol com amigos ou, até mesmo, com pessoas desconhecidas, mas não partem para a agressão física em razão de possíveis rivalidades. Não obstante, os participantes C. e R. relatam que já se viram em meio a brigas provocadas por outros torcedores; como exemplo, C. expressa:

Eu sou zero da briga, sou zero da confusão, mas as únicas vezes que eu corri da polícia na vida foi por causa do Corinthians, ter que correr porque alguém criou uma briga, e eu estava perto da Gaviões. Mais de uma vez, eu coloquei minha segurança física em risco por causa do futebol. Só me envolvi em confusão, envolvendo a polícia, no Corinthians. (Apêndice D)

Ainda, o mesmo participante traz um aspecto importante a respeito de brigas e discussões que aconteciam - e acontecem até hoje -, com uso de ferramentas preconceituosas por torcidas para se direcionarem a times rivais.

O que eu acho que eu tenho, que é um elemento que não me orgulho, assim, eu acho que eu já fiz no passado, sei lá, nos anos 90, era comum, você usar de ferramentas preconceituosas para se referir ao seu rival. Isso é uma coisa que eu aboli, mas que eu fiz porque o adolescente, nos anos 90, fazia. Eu deixei de fazer e, hoje, eu até fico bravo quando vejo alguém fazendo. (Apêndice D)

Por sua vez, o participante L. afirma que já se envolveu em muitas discussões, mesmo que superficiais, tanto com torcedores de outros times quanto com são paulinos, em decorrência de afirmarem inverdades ou desconhecimentos a respeito do seu time, o São Paulo.

Com base no exposto, é possível inferir que a violência, a despeito de ser associada ao fanatismo (JUNG [1973] 2011), não foi referida como ponto de conexão com os times ou teve sua prática justificada pelos torcedores entrevistados. Contudo, a violência foi mencionada por C. e R. como uma ameaça às suas integridades físicas ao se verem em meio a brigas de torcida, todavia, esse risco não impacta suas assiduidades nos jogos em estádios; ainda, C. adiciona o relato de ter proferido, em meio à torcida de seu time nos anos 90, falas preconceituosas para atingir os torcedores rivais, cenário do qual afirma não se orgulhar.

Estes relatos revelam que, no fanatismo, há a identificação exacerbada do torcedor com seu time e, quando imerso na massa da respectiva torcida, tal identificação compartilhada e energizada com movimentos coletivos, tais quais hinos, cânticos, bandeiras, reações emotivas etc., pode resultar na redução da atuação da consciência individual de cada integrante, levando a uma dispersão das singularidades, mediante o contágio coletivo, de forma que as atitudes passam a ser guiadas pelo grupo.

Como sucessão, a pessoa funde-se à multidão, o que requer menor carga energética em comparação à manutenção da personalidade individual (JUNG, [1951] 2012), assim, riscos são assumidos e/ou comportamentos vergonhosos são adotados e, ainda que haja reflexão posterior ao sair da massa, não desdobra em revisão acerca da participação no fenômeno coletivo, visto que os participantes retornam frequentemente a ele.

7.3 Senso de pertencimento e seus impactos positivos

Jung ([1957] 2013), em seu livro *Presente e Futuro*, tece elaborações a respeito dos fenômenos de massa e seus efeitos sobre os indivíduos, dentre os quais, discorre que

O movimento de massa resvala, como se pode esperar, do alto de um plano inclinado estabelecido pelos grandes números: a pessoa só está segura onde muitos estão; o que muitos acreditam deve ser verdadeiro; o que muitos almejam deve ser digno de luta, necessário e, portanto, bom; o poder se vê forçado a satisfazer o desejo de muitos. (JUNG, 1957 [2013], § 538)

Tendo em vista o exposto pelo autor e sua possível relação com o fanatismo, faz-se necessário ressaltar a sensação de pertencimento aos grupos, expressa pelos participantes ao longo de suas falas. O participante R. demonstra esta sensação ao ir aos jogos e ficar na torcida organizada (Mancha Verde), segundo seu relato:

No estádio, quando sai um gol, você abraça a pessoa do lado como se fosse um conhecido, um irmão. Você está torcendo, cantando, gritando, parece que você faz parte do time. Na maioria dos jogos, eu vou com amigos; sempre amei a torcida e conheci vários amigos por lá. (Apêndice C)

Nesta fala, o participante demonstra o senso de pertencimento tanto à torcida como ao próprio time, concebendo a todos como um só grupo, ainda, afirma que, em distinção a assistir um jogo sozinho em sua casa, no estádio, “[...] *você veste a camisa, você se sente pertencente a um grupo. Às vezes, você não é pertencente a um grupo fora e lá, você é [...]*” (Apêndice C).

Ao ser perguntado sobre esta possível diferença entre assistir a um jogo sozinho e no estádio, o participante C. também afirma ser completamente destoante, visto que o estádio tem “[...] *um elemento de compreensão de um Brasil maior*” (Apêndice D), que se inicia na experiência de ir à arena Corinthians através do uso de transporte público – trem e metrô –, o que contrasta com sua realidade cotidiana. Desse modo, o entrevistado considera esse ritual como “[...] *muito importante para me conectar com esse Brasil mais verdadeiro e mais real que o futebol proporciona, mesmo com todo o processo de elitização que está acontecendo*” (Apêndice D).

Este participante relata, ainda, que assistir a um jogo sozinho em casa, vê-lo no bar com os amigos e assisti-lo na arena ou na casa do time são vivências distintas, então expressa que quanto mais gente conectada assistindo ao jogo, mais intensa será a experiência, logo, sua preferência é assistir aos jogos na NeoQuímica Arena, dado haver grande número de pessoas reunidas.

Outro aspecto apresentado pelo entrevistado C., que ilustra de forma pungente o sentimento de pertencimento impulsionado pelo fanatismo, trata-se do fato de ter atuado em algumas ações sociais no Corinthians. Ele conta que, atualmente, faz parte de um projeto da Gerando Falcões¹, que tem como objetivo arrecadar doações de roupas para mulheres em situação de vulnerabilidade, enquanto, no ano passado, participou de ação no Dia da Consciência Negra, em parceria com a ONG Plano de Menina², cujo foco é a inserção no mercado de trabalho de meninas negras e residentes nas periferias.

¹ Gerando Falcões é um programa que busca garantir fonte de renda para mulheres fora da economia atualmente, em parceria com a ONG ASMARA, que “[...] atende mulheres em regime semiaberto, vítimas de violência doméstica, mães solo com 2, 3, até 4 filhos e que não conseguem trabalhar fora de casa” (OZÓRIO, 2022, n.p.).

² Plano de Menina é um “[...] projeto social criado em 2016, que tem como missão capacitar e conectar meninas de periferias a oportunidades que as tornem protagonistas de suas histórias. Por meio de jornadas digitais, empregabilidade, bolsas de estudo e outras oportunidades, o instituto acolhe, prepara e impulsiona-as para que desenvolvam as (...) [habilidades] necessárias para realizarem seus planos” (PLANO DE MENINA, [s.d.], n.p.).

Ambas as participações revelam a força que o grupo pode ter na vida de seus integrantes, neste caso, torcer fervorosamente pelo Corinthians fez com que o participante se mobilizasse a ajudar outros grupos não presentes em seu cotidiano, desse modo, possivelmente, não seriam alvos de seu acolhimento e ações se não fosse a mobilização de seu time.

O participante L., ao falar sobre as diferenças entre assistir a um jogo sozinho ou no estádio, expressa impressões sobre o impacto da massa, conforme sua fala:

Engraçado, porque eu nunca estou sozinho. Ainda que eu esteja sozinho, vou lá e encontro um monte de gente e, assim, vou te explicar o que acontece, eu assisto o jogo sempre no mesmo lugar e por assistir desde criança, embora eu não conheça o nome das pessoas, a gente se cumprimenta. Dali, embora eu fique sozinho, me sinto bem. Lá e no Morumbi, eu me sinto muito bem. (Apêndice E)

Ademais, assim como o participante C., o entrevistado L. participa de ações sociais propagadas pelo time, dado fazer parte do conselho do São Paulo, como exemplo, diz que, na semana do dia 30/04/2024, o time promoveu uma ação em que os jogadores entraram em campo com crianças cegas, como forma de apoiar o Abril Marrom³, então acrescenta que o São Paulo tem projetos na comunidade de Paraisópolis - situada no entorno do clube e do estádio –, dentre os quais, ofertar treinos de atletismo, futebol e outros esportes às crianças no espaço do clube.

Sendo assim, é possível constatar que o pertencimento a um grupo e os decorrentes sentimentos podem resultar em aspectos e ações positivas e não apenas em visões e atitudes violentas e agressivas, muitas vezes, vinculadas a grupos de torcedores.

7.4 O time como símbolo

No decorrer das três entrevistas, foi possível apreender elementos simbólicos relacionados aos times. A começar pelo participante R. que, ao ser perguntado sobre o motivo pelo qual escolheu torcer para o Palmeiras, diz “[...] a paixão pelo verde é inexplicável” (Apêndice C). O participante C. traz sentimentos semelhantes aos apresentados por R., dado que, ao ser questionado sobre o motivo pelo qual escolheu seu time, diz que nunca pensou em

³ O Abril Marrom é o mês de prevenção e combate à cegueira no Brasil, por isso, a Confederação Brasileira de Futebol juntou-se à Fundação Dorina Nowill para ajudar na conscientização sobre a causa. A data também tem ligação com o 8 de abril, em que se comemora o Dia Nacional do Braille.

outro a não ser o Corinthians, assim, sempre foi corinthiano e não houve um processo de reflexão a respeito, conforme seu relato:

Eu sou apaixonado pelo Pelé, eu tenho uma devoção pelo Pelé, mas essa devoção está conectada ao Corinthians, nunca passou pela minha cabeça o Santos é um time legal, jamais, não houve um processo decisório para a escolha do time, aconteceu. (Apêndice D)

Já o participante L., ao ser questionado acerca do porquê escolheu seu time, responde: “*Eu não escolhi, fui escolhido para ser feliz e ser São Paulino. Eu não sei explicar não*” (Apêndice E).

Estas falas dos participantes evidenciam uma das principais características do símbolo: ser a melhor expressão de uma realidade parcialmente inconsciente (JUNG, [1921] 1976), ou seja, o fato da paixão pelo time ser inexplicável, não provinda de uma escolha consciente e reflexiva, remete ao fato deles próprios não terem clareza acerca das razões pelas quais possuem os sentimentos intensos e as atitudes mobilizadas em relação aos seus times que, portanto, parecem ser permeados por aspectos inconscientes.

Ainda, ao R. ser indagado sobre seus sentimentos quando o time perde e ganha, conta que sua paixão aflorou quando o Palmeiras jogou a série B em 2013, conforme seu relato:

Tinha 15 anos, fui em todos os jogos no Pacaembu e eu não ia em jogo desde pequeno por conta da minha família. Tem uma música que diz: “Para mim, não importa perder ou ganhar! Se o Palmeiras jogar, a Mancha está lá!” Mas mesmo assim, fico puto quando perde, o humor muda um pouco, mas é sobre apoiar o Palmeiras. Se ganha, fica feliz, tiro onda. (Apêndice C)

O participante C. conta que já viajou inúmeras vezes para ver o Corinthians jogar, inclusive, foi ao Japão para assistir à final do campeonato Mundial de Clubes e, no último campeonato Paulista, foi para as cidades de Bragança, Piracicaba e Ituano para ver seu time jogar. Além disso, o participante expressa seus sentimentos quando seu time perde e ganha, demonstrando a comoção diante do símbolo, conforme seu relato:

Quando ele perde, eu fico muito bravo e, de fato, mexe com o meu humor, indiscutivelmente. Quando ele ganha, é um reforço de nossa, que legal que eu tomei essa decisão lá trás. É uma alegria maior (...), mas é êxtase mesmo, assim, ver seu time ganhar, ver seu time ser campeão, é uma das maiores alegrias que existem. (Apêndice D)

O participante L., por sua vez, a respeito de seus sentimentos ao ver seu time perder e ganhar, comenta:

Nisso, eu sou um tanto quanto racional. Dá uma raiva quando perde. Ainda mais, assim, em um jogo importante, mas a raiva passa bem rápido. Também não vou ficar... Às vezes, demora um pouco para dormir. Isso é verdade (...) ah, quando ganha, é alegria total. Domingo, quando ganha, é pizza, pode pedir o que quiser. É muita alegria quando ganha e, assim, uma tristeza quando perde, mas é uma tristeza que passa rápido. (Apêndice E)

Ademais, L. expressa: *“Ficar sem ir para o Morumbi, para mim, é uma loucura, eu não consigo. Se tem jogo de São Paulo e eu não estou lá, eu fico até triste. É louco isso (...). Há 50 anos, eu vou no mesmo lugar (para assistir aos jogos)”* (Apêndice E), então acrescenta a informação de que encontra as mesmas pessoas no estádio desde criança.

As falas dos participantes podem ser correlacionadas ao poder de atração do símbolo que mobiliza o indivíduo para o qual emerge, incitando-o a movimentos decorrentes do fascínio que exerce (JUNG, [1921] 1976), como não deixar de comparecer a sequer um jogo do Palmeiras, no caso de R.; viajar para cidades do interior paulista e, até mesmo, ao Japão para assistir ao Corinthians em campo, no caso de C.; frequentar os jogos do São Paulo no estádio há 50 anos, no caso de L..

Ainda, os participantes expressam as emoções intensas decorrentes da vitória de seus times, utilizando expressões como *“fico feliz”, “um êxtase”, “uma das maiores alegrias que existem”, “alegria total”*, bem como da derrota, empregando termos como *“fico putó”, “fico muito bravo”, “mexe com o meu humor”, “dá uma raiva”, demora um pouco para dormir”, “uma tristeza”*, contudo, sempre reafirmando que seguem apoiando seus times. Mediante esses excertos, reitera-se o poder arrebatador do símbolo que parece influenciar o senso de conexão e identificação dos participantes, de modo que o que ocorre com seus times é sentido como se acontecesse com eles próprios, intensificando as respectivas emoções.

Evidencia-se o caráter simbólico dos times para os participantes, ainda, considerando o exposto por Jung ([1963] 2011) a respeito dos símbolos:

Mas o “símbolo” não é um *signal* arbitrário e intencional de um fato conhecido e compreensível, mas uma expressão de caráter reconhecidamente antropomórfico (por isso mesmo, limitada, válida apenas em certas condições) de um conteúdo sobrenatural e, por esta razão, só compreensível em certas condições. O símbolo é, na verdade, a melhor expressão possível, mas está muito abaixo do nível do mistério que significa. (§ 307, grifo do autor)

Ressalva-se ser curioso o relato de L. de que a derrota do São Paulo em um jogo é uma “[...] *raiva que passa rápido*”, mas enfrenta dificuldade para dormir nessa situação, já quando ganha, “[...] *pode pedir pizza, pode pedir o que quiser*” (Apêndice E). Pode-se pensar que, nesse contexto, o símbolo continua vivo, mas em possível processo de elaboração, já que prossegue mobilizando o indivíduo, mas é reduzido o tempo de prolongamento das sensações diante da derrota do time, em distinção ao exposto pelos demais participantes.

Outro aspecto trazido pelo entrevistado R. é a diferença entre ver a um jogo sozinho e no estádio, visto afirmar que prefere assistir a ele no estádio, em virtude da paixão pela arquibancada e pelas bandeiras de mastro, evidenciando, novamente, o poder dos símbolos na relação com o time, o que pode ser relacionado ao exposto por Byington (2019):

A mandala do campo contém, delimita e propicia o desenvolvimento da tensão necessária à ação dramática. Ela é, ao mesmo tempo, espacial, vivencial e emocional: delimita os que jogam, os que torcem nas arquibancadas e em casa, separando-os fisicamente para reuni-los emocionalmente como um todo durante o desenrolar dramático. (p. 233)

Diante do questionamento acerca de possíveis discussões relacionadas ao time, o participante R. conta:

Ah, desde que me conheço por gente, se alguém vier falar besteira, vou discutir, vou colocar a verdade, não tem como apagar a história do time. No trabalho, é todo dia, eu brigo para defender a verdade. Quando era mais novo, nem gostava de papo com torcedores de outro time. (Apêndice C)

Esta fala parece refletir uma das características do fanatismo, que é a de acreditar em uma verdade absoluta e indiscutível, muitas vezes, fomentada pela massa em que está inserido (JUNG [1973] 2011), o que culmina em discussões acaloradas para defender aquilo que acredita em relação a seu time, considerando suas opiniões inquestionáveis e buscando impô-las aos demais.

O participante, ainda, cita uma frase do Joelmir Beting: “*Explicar a emoção de ser palmeirense, a um palmeirense, é totalmente desnecessário. E a quem não é palmeirense... É simplesmente impossível!*”. Então complementa: “*O fanatismo vem como uma faísca de dentro que é acesa pelo futebol, pelo time*” (Apêndice C). Nesse sentido, o participante L., ao ser questionado acerca do porquê escolheu seu time, responde: “*Ah, eu sou tão fanático que vou dar uma resposta invertida*” (Apêndice E).

Essas falas aludem ao poder arrebatador do símbolo e sua manifestação em movimentos de massa, dado que R. faz uma distinção clara entre palmeirenses e torcedores

de outros times, afirmando que os primeiros constituem um grupo que compartilha e se conecta através de emoções relacionadas ao Palmeiras, sem serem necessárias explicações, o que culmina, tal como também expresso por L., no fanatismo decorrente, inclusive, dessa imersão e indiferenciação da massa (JUNG, [1957] 2013).

Essas considerações parecer se aplicar, ainda, a C., visto dizer que caso não fosse um torcedor fanático, sua vida seria bem mais chata, pois

Quando eu era criança, era muito apaixonado pelo Corinthians, jogava bola todo dia, só vivia com a camisa do Corinthians. Aí, adolescente, eu lembro que minha mãe falava: ah, essa paixão vai passar, já ele vai arrumar uma namorada e passa. Aí, eu namorei e continua igual. Ah, já ele vai entrar na faculdade e passa, aí, eu entrei na faculdade e não passou. Ah, já ele vai arrumar um trabalho e ele não vai se preocupar com isso, não passou. Ah, já ele vai se casar, não passou. Já ele vai ter filho, não passou. Então eu não consigo entender a minha vida sem o Corinthians. (Apêndice D)

Outro relato de L. que se correlaciona a esse aspecto dá-se quando questionado sobre o que ele seria se não fosse um torcedor fanático: *“Ah, sem São Paulo, eu seria um frustrado. Não sei nem te explicar. Porque é tão presente na minha vida que eu não me vejo fora de algo, não torcendo para o São Paulo. Não dá, não dá para tirar isso da minha vida não”* (Apêndice E). Essa fala reforça a ideia de que o símbolo pode se tornar algo inquestionável e imutável quando envolto por uma massa.

Ainda, o entrevistado L., ao ser indagado sobre o início de sua paixão pelo futebol, relata:

Eu lembro que tinha quatro anos de idade e me apaixonei, me encantou o São Paulo Futebol Clube e não sei te explicar por que (...). A primeira lembrança que me encheu o coração de alegria foi entrar no estádio do Morumbi com quatro anos de idade” (Apêndice E).

Mediante exposto, cabe pensar que, segundo Jung ([1921] 1976), o símbolo vivo perante uma massa precisa representar algo que seja comum a seus componentes para poder influenciá-los, ou seja, deve incluir exatamente aquilo que é compartilhado pelo amplo grupo. Desse modo, não pode ser muito específico, exclusivo, difícil de expressar, restrito a uma minoria, mas sim, algo tão fundamental e universal, cuja presença seja inquestionável. Essa concepção parece correlacionar-se ao narrado pelo entrevistado, uma vez que, assim como ele, outras pessoas frequentam o mesmo lugar há 50 anos para assistirem aos jogos do São Paulo.

Os comentários dos participantes também demonstram como a relação com o time é intensa e duradoura, o que pode explicitar que os times tratam-se de símbolos ainda não elaborados em totalidade, uma vez que “[...] quando se encontra a expressão que formula melhor do que o símbolo a coisa procurada, esperada ou pressentida, pode-se então afirmar que o símbolo morre” (JUNG, [1921] 1976, § 905).

O participante C., em outros momentos da entrevista, também demonstra o sentimento mobilizador que o símbolo carrega ao citar, por exemplo, o nascimento dos filhos, a vitória do Corinthians no Mundial de Clubes no Japão e os projetos que realizou junto ao time.

Estar no Japão e ver seu time ser campeão do mundo foi uma das maiores alegrias da minha vida. Eu tenho um super orgulho de poder fazer projetos com o Corinthians. Eu lancei um projeto de preservação histórica de conteúdo lá na Arena Corinthians. Foi demais! Um dos grandes momentos da minha vida. (Apêndice D)

O entrevistado R., ao ser questionado a respeito de uma música, palavra ou frase que definiria seu time, expressa alguns elementos interessantes e simbólicos, dentre os quais, uma marcha da Mancha Verde, chamada “Coração Verde e Branco”:

Quando o Palmeiras joga | Eu vou para incentivar | Ganhando ou perdendo | Não paro de cantar | No dia que eu morrer (vai demorar!) | Eu quero o meu caixão | Pintado de Verde e Branco | Como meu coração | Alegria, Alegria | Olê, Olê, Olá | Eu sou da Mancha, estou em festa | Eu faço carnaval. (Apêndice C)

O entrevistado acrescenta a informação de que pretende “fechar” suas costas com tatuagens ilustrativas dos signos e títulos do Palmeiras.

As expressões do participante evidenciam o poder de mobilização de seu time como um símbolo, tão intensa a ponto de – como mencionado na marcha – ultrapassar a vivência terrena e, no momento da morte, ser acompanhado pelas cores do Palmeiras, logo, R. parece não conceber sua existência sem a vinculação com seu time e, mesmo no momento que, simbolicamente, seria o de maior transformação, a relação com o Palmeiras permaneceria.

O participante C., ao ser questionado sobre uma palavra, frase ou música que representa seu time, diz: “*Paixão, uma paixão muito forte e eterna*” (Apêndice D), o que corrobora o exposto no tocante à R., visto que C. também realça o caráter eterno de vinculação com o Corinthians, com ênfase na pungência de seu sentimento de paixão - por si só, já intensa –, mas ainda agrega, a esta, o advérbio de intensidade “*muito*” e o adjetivo “*forte*”, revelando a mobilização arrebatadora de seu time.

O participante C., ao falar sobre os projetos que já realizou em parceria com o Corinthians, comenta sobre um quadro utilizado em um deles, criado pelo artista plástico Francisco Rebolo, que vem a ser o criador de escudo do time. O nome do quadro é “O Futebol” e “[...] é (...) de 1936, que tem um negro e um branco jogando em pé de igualdade; e é a primeira vez, nas artes plásticas, que o negro é colocado em equidade” (Apêndice D). Nesse caso, é interessante pensar como o símbolo está sendo representado no âmbito coletivo, visto que o escudo de um time pode ser considerado um dos maiores símbolos relacionados a ele e impacta diversos torcedores, de modo que seu criador, ao pintar um quadro, também relacionado à temática do futebol, leva os torcedores a refletirem sobre um elemento fundamental na sociedade brasileira, a igualdade racial. Essa análise torna-se ainda mais significativa, considerando que este participante relatou que, nos anos 90, empregava termos preconceituosos, incluso os racistas, para ofender torcidas rivais, tal como exposto no subcapítulo 7.2 desta pesquisa.

Por fim, o participante L. apresenta um elemento que não havia aparecido nas demais entrevistas: a possível inflação egóica fomentada pelo poder de mobilização do símbolo compartilhado por uma massa, podendo levar a uma perda de equilíbrio e perspectiva, de modo a causar distorções na percepção de si mesmo e do mundo ao redor. Logo, a inflação pode desdobrar em um estado de senso de grandiosidade e alienação da realidade objetiva (JUNG, [1921] 1976). No caso do participante L., é possível ver este movimento, pois ao ser questionado sobre uma palavra, música ou frase que define seu time, responde utilizando apenas um termo, sem hesitar: “*Campeão*”.

Então a pesquisadora pergunta-lhe se gostaria de discorrer mais acerca de sua resposta, ao que L. responde:

[...] ah, uma música, o hino do São Paulo que, quando toca, eu me arrepio todo. E falar em São Paulo é sempre pensar positivo, pensar para a frente, pensar na próxima vitória. Por isso que eu te digo que a frustração e a tristeza de uma derrota duram pouco porque eu já penso no próximo jogo e que nós vamos ganhar.
(Apêndice E)

Além deste relato também ser imbuído de aspectos típicos da inflação egóica, mediante a certeza da vitória, expressa, tal como referido pelos outros participantes, o fascínio e a intensidade de sentimentos característicos do encontro com o símbolo, como ilustrado pelo arrepio sentido por L. em todas as vezes que escuta o hino do São Paulo, em detrimento de ouvi-lo incontáveis vezes desde criança.

8 Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo compreender, por meio de entrevistas e respectivas análises com base em fontes bibliográficas, os fatores que levam um torcedor de futebol a ser fanático. Ainda, visou analisar os sentimentos relacionados aos times; compreender qual o momento de vida em que surgiu a paixão pelo futebol; observar a relação entre o fanatismo e a violência; investigar os impactos, em cada torcedor, decorrentes de pertencer a um grupo; analisar os símbolos atribuídos ao time por cada torcedor.

Para tanto, foi realizada revisão bibliográfica a partir de cinco tópicos teóricos: a história do futebol e a vinda dele para o Brasil; a importância do futebol na cultura brasileira; o surgimento das torcidas organizadas no Brasil; fanatismo e violência; fanatismo e violência nas torcidas nos dias de hoje; conceituações da Psicologia Analítica, em que foram abordados os conceitos de ego, consciência, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo e símbolo. Em seguida, foram realizadas três entrevistas com torcedores que se consideram fanáticos por futebol e, a partir do material coletado, elaboraram-se quatro grupos temáticos para posterior análise: Influência familiar e história com o futebol; Violência; Senso de pertencimento e seus impactos positivos; O time como símbolo.

Levando em consideração o impacto familiar na escolha do time, foi possível constatar que as famílias dos três participantes, em proporções diferentes, foram as principais responsáveis pela inclinação dos entrevistados aos seus respectivos times. Entretanto, nem todas possuíam membros que se definissem como torcedores fanáticos, o que é curioso se pensarmos que os entrevistados tornaram-se fanáticos a despeito de influências familiares e sem terem consciência acerca dos motivos que os levaram a crescer com este fascínio intenso em relação ao time.

O tema da violência, embora comumente associado ao fanatismo, não foi mencionado como um elo entre os entrevistados e seus times, tampouco foi justificado. Contudo, a violência foi citada como uma ameaça à integridade física de dois entrevistados durante confrontos entre torcidas, ainda assim, esse risco não interfere na frequência assídua com que eles comparecem aos jogos nos estádios. Desse modo, cabe dizer que a violência esteve presente nos relatos dos participantes, mas em escalas que não foram consideradas, por eles, como impeditivas de frequentarem jogos nos estádios e torcerem para os seus times.

Tendo em vista o senso de pertencimento ao grupo, pode-se concluir que, no caso dos três entrevistados, tiveram repercussões positivas, sobretudo, manifestadas através da participação em ações sociais promovidas pelos times. Além disso, os participantes, ao

falarem sobre as diferenças que sentiam ao verem um jogo no estádio e sozinhos, explicitaram um fator associado ao fanatismo, visto revelarem a identificação exacerbada com o time e, quando inseridos na multidão de sua torcida, essa identificação é compartilhada e intensificada por movimentos coletivos, podendo levar à diminuição da consciência individual de cada membro, resultando na diluição das características singulares através do contágio coletivo.

Por fim, o último grupo temático analisado a partir das respostas dos três participantes foi o time como símbolo, cuja análise permitiu a compreensão de que os sentimentos exacerbados e considerados eternos, depositados sobre os times pelos entrevistados, evidenciam seu caráter simbólico. Essa dinâmica causa intensa mobilização, o que reverbera em atitudes como as viagens para assistirem aos jogos, as discussões para defenderem o time e toda a paixão e fanatismo, enfatizados diversas vezes pelos participantes.

Considerando o exposto, conclui-se que alguns dos fatores que influenciam o fanatismo dos participantes por seus times são a influência familiar e sua relação com a história com o futebol de cada entrevistado; o senso de pertencimento a uma massa, representada pela torcida, o que desdobra em impactos negativos, como colocarem-se em risco mediante situações de violência, bem como positivos, como as ações sociais realizadas em conjunto com os times; e, sobretudo, o caráter simbólico do qual o time é investido.

Ressalva-se, contudo, que este estudo possui certas limitações não apenas devido ao número reduzido de participantes, mas também ao perfil desses, de forma a não abarcar diversidade de etnia, gênero, região de moradia e classe social. Desse modo, esta ampliação pode ser realizada em pesquisas futuras sobre o tema, cujos resultados podem aprofundar os atingidos neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Vivian de Freitas; RAMOS, Denise Guminez. Aspectos sociodemográficos relacionados à agressividade e ao fanatismo em uma torcida de futebol. In: *Psicologia Revista*, v. 29, n. 1, 246-272, São Paulo, 2020.

BEZERRA, Juliana. *História do Futebol*. [S.l], 2017. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/historia-do-futebol/>>. Acesso em: 17 nov. 2022.

BYINGTON, Carlos Amadeu B. *Psicologia Simbólica Junguiana*. A viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação. São Paulo: Editora Linear B, 2008.

_____. Futebol: a grande paixão do povo brasileiro. Um estudo da Psicologia Simbólica Junguiana. In: *Revista Junguiana*, v. 37, n. 1, 231-240, São Paulo, 2019.

DA MATTA, R. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1082.

ELÍSIOS, Milena. *Os 10 esportes mais populares do mundo*. [S.l], 2022. Disponível em: <<https://sociotecnica.com.br/esportes-mais-populares-do-mundo/>>. Acesso em: 17 nov. 2022

FONTENELLE, A.; RIBEIRO, A. Morre torcedor do São Paulo vítima do conflito no Pacaembu. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo, 1995. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/29/esporte/2.html>>. Acesso em: 18 out. 2022.

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOBSBAWM, Eric John Ernest. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. São Paulo: Paz & Terra, 1987.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)*. Rio de Janeiro, 2008. 152 fls. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

JUNG, Carl Gustav. *Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo, O. C. IX/2*. [1951]. ed. 9 Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Aspectos do drama contemporâneo, O. C. X/2*. [1973]. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Cartas de C. G. Jung – volume 2*. [1946-1955]. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *O Livro Vermelho*. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Presente e Futuro, O. C. X/1*. [1957]. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. *Psicologia do inconsciente, O. C. VII/1*. [1916]. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Psicologia e religião ocidental e oriental: o símbolo da transformação na missa, O. C. XI/2*. [1963]. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Tipos psicológicos, O. C. VI*. [1921]. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

LIN, Nelson. *Brasileirão: média de público, em 2022, foi de 21.700 pessoas por jogo*. Brasília, 2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/esportes/audio/2022-11/brasileirao-media-de-publico-em-2022-foi-de-21700-pessoas-por-jogo>>. Acesso em: 18 nov. 2022.

MURAD, M. *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

OZÓRIO, Letícia. Com goleada da fiel torcida, Corinthians e Gerando Falcões buscam renda para mulheres de favela. In: *Revista Exame*, São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://exame.com/esg/com-goleada-da-fiel-torcida-corinthians-e-gerando-falcoes-buscam-renda-para-mulheres-de-favela/>>. Acesso em: 09 mai. 2024.

PALHARES, Marcelo Fadori Soares; SCHWARTZ, Gisele Maria. *Não é só a torcida organizada: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol?*. São Paulo: UNESP/Cultura Acadêmica, 2015.

PARDINI, M. N. M. A narrativa da ordem e a voz da multidão: o futebol na imprensa durante o Estado Novo (1937-1945). São Paulo, 2009. 236 fls. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. *Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica*. São Paulo, 2009. 228 fls. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre torcidas organizadas de futebol. In: *São Paulo em Perspectiva*, v. 14, n. 2, 122-128, São Paulo, 2000.

PLANO DE MENINA. **Página inicial**. Disponível em: <<https://planodemenina.com.br/>>. Acesso em: 30 abr. 2024.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Os espectadores de futebol e a problemática da violência relacionada à organização do espetáculo futebolístico. In: *Revista paulista de Educação Física*, v. 17, n. 2, 85-92, São Paulo, 2003.

SOBRINHO, José Correia; CÉSAR, Iran Hermenegildo. Torcidas organizadas de futebol: metamorfoses de um fenômeno de massa. In: *Revista Eletrônica Inter-Legere*, n. 3, 1-9, [S.l.], 2008.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, 1996. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/biblioteca/torcidas-organizadas-de-futebol/>>. Acesso em: 20 jan. 2023

UNIVERSO ONLINE – UOL. *Torcida única em SP*: Quando começou, o que a motivou e qual sua verdadeira eficácia. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/enm/2022/01/23/torcida-unica-em-sp-quando-comecou-o-que-a-motivou-e-qual-sua-verdadeira-eficacia.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2023.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro da entrevista semi-dirigida

- 1) Qual a sua idade? Onde você mora? Qual bairro? Qual é a sua profissão?
- 2) Como começou sua paixão por futebol?
- 3) Qual sua primeira lembrança relacionada ao futebol?
- 4) Por que você escolheu o seu time e não outros?
- 5) Como você se sente vendo o jogo no estádio? Há diferenças vendo o um jogo sozinho?
- 6) Como você se sente quando seu time perde? E quando ele ganha?
- 7) Você já se envolveu discussão relacionada com seu time? Se sim, você poderia contar?
- 8) Você já teve ações positivas por torcer pelo seu time?
- 9) Caso você não fosse um torcedor fanático, como acha que sua vida seria diferente?
- 10) Se você tivesse que definir seu time em uma palavra, música, ou frase o que você usaria?

Apêndice B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (A) Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa.

Nesta pesquisa, pretende-se investigar o motivo pelos quais torcedores de futebol são fanáticos e, posteriormente, refletir sobre símbolos atribuídos ao time. Essa pesquisa faz-se necessária para compreender e aprofundar a relação entre fanatismo e violência no âmbito futebolístico, já que há pouca exploração neste campo.

Para esta pesquisa, será adotado o seguinte procedimento: uma entrevista com cada participante, que resultará em material composto por três entrevistas, cuja análise contemplará a transcrição de cada entrevista, uma leitura comparativa entre os dados coletados e a pertinente análise com base no referencial teórico exposto nos capítulos da pesquisa.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pela pesquisadora. No caso de risco do participante sentir-se desconfortável, constrangido ou arrependido de fazer a entrevista, o procedimento será interromper imediatamente sua participação na pesquisa. Caso o participante perceba que algo lhe trouxe demasiada exposição no que se refere ao conteúdo da sua participação, também poderá interromper a entrevista.

O participante não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar dessa pesquisa. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida ao(à) senhor(a). Os dados utilizados serão arquivados pela pesquisadora responsável por um período de 05 (cinco) anos e, após este período, serão destruídos. A pesquisadora tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, conforme à legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos. Qualquer necessidade de contato, a pesquisadora responderá pelo telefone (11) xxxxxxxxx ou pelo e-mail: xxxxxxxxxxxxxxxx e sua orientadora, pelo e-mail xxxxxxxxxxxxxxxx.

Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Esse Comitê é composto por professores doutores e pesquisadores da PUC-SP que fazem uma avaliação de pesquisas que envolvem

seres humanos e seus aspectos éticos, no intuito de que sejam trabalhos científicos que não tragam nenhum prejuízo aos participantes. Este Comitê pode ser acessado na sala 63-C do andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello (Prédio Novo) do Campus Monte Alegre da PUC-SP, situado na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo/SP - CEP: 05015-001, bem como contatado através do telefone/fax (11) 3670-8466 ou do e-mail cometica@pucsp.br

Eu _____ fui informado(a) dos objetivos da pesquisa de forma clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento da pesquisa poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participação na mesma. Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

São Paulo, _____ de _____ de 20____

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisadora

Apêndice C – Transcrição da entrevista do participante R.

1) Qual a sua idade? Onde você mora? Qual bairro? Qual é a sua profissão?

Tenho 26 anos, fiz produção audiovisual, e hoje sou assistente de produção e edição no SBT. Moro em São Paulo, no bairro da Pompeia, do lado do Palmeiras.

2) Como começou sua paixão por futebol?

A minha paixão começou quando eu jogava bola, desde moleque, sonhava em ser jogador de futebol. Quando eu era mais novo não via tanto futebol, gostava mais de jogar. Cresci dentro do Palmeiras, desde criança até os 17 anos eu era sócio do clube, mas parei porque depois dos 18 anos você precisa comprar o título e era muito caro.

Mas, voltando a sua pergunta, minha paixão mesmo começou quando eu jogava bola e, mais tarde, vendo os jogadores profissionais treinando no clube.

3) Qual sua primeira lembrança relacionada ao futebol?

Então, nenhuma das duas são lembranças muito vívidas, mas a primeira que tenho sobre futebol é da Copa de 2002 quando o Brasil foi, tinha 5 anos. Na copa não me lembro como me senti, mas lembro das comemorações, da felicidade geral.

A primeira lembrança do Palmeiras que eu tenho foi em 2008, quando ele foi campeão paulista, lembro da rua toda decorada, da festa, de descer na rua para comemorar, lembro do jogo da final, que foi goleada.

A minha paixão aflorou nessa época, eu já era mais velho então gostava de ver - o Palmeiras é minha paixão, mas além disso eu amo futebol - eu lembro do Valdívia, e lembro que naquela época não tinha glamour torcer para o Palmeiras.

Eu demorei para frequentar os estádios porque a minha mãe e a minha vó são palmeirenses fanáticas, mas meu pai é corinthiano fanático, sempre teve briga na família por isso que meu primeiro jogo no estádio foi em 2011.

4) Por que você escolheu o seu time e não outros?

Ah, eu sempre tive proximidade com o Palmeiras, pela minha avó e pela minha mãe, por viver dentro do clube, eu conhecia cada canto do lugar, via jogadores antigos. Mais tarde eu fui atrás da história.

Mas acho que escolhi o Palmeiras também, porque queria ser do contra, nenhum homem da família era palmeirense. Mas, na verdade, a paixão pelo verde é inexplicável.

5) Como você se sente vendo o jogo no estádio? Há diferenças vendo um jogo sozinho?

Então, quando vou no estádio eu fico na torcida organizada, que é outra paixão. Quando eu era mais novo ficava no miolo da bateria. Por conta da torcida, eu me aproximei do futebol, da arquibancada, do samba, conheci muita gente, isso moldou meu caráter.

Mas voltando, no estádio, quando sai um gol você abraça a pessoa do lado como se fosse um conhecido, um irmão. Você está torcendo, cantando, gritando, parece que você faz parte do time. Na maioria dos jogos eu vou com amigos, sempre amei a torcida, e conheci vários amigos por lá.

Eu fico mais estressado vendo o jogo sozinho em casa, eu fico ditando o que o jogador vai fazer, acho mais estressante ver jogo sozinho. Acho que é por conta da paixão pela arquibancada, pelas bandeiras de mastro.

6) Como você se sente quando seu time perde? E quando ele ganha?

Minha paixão foi levada ao extremo quando o Palmeiras jogou a série B em 2013, tinha 15 anos, fui em todos os jogos no Pacaembu e eu não ia em jogo desde pequeno por conta da minha família.

Tem uma música que diz: “Para mim, não importa perder ou ganhar! Se o Palmeiras jogar, a Mancha está lá!” Mas mesmo assim, fico puto quando perde, o humor muda um pouco, mas é sobre apoiar o Palmeiras. Se ganha fica feliz, tiro onda.

7) Você já se envolveu em alguma discussão relacionada com seu time? Se sim, você poderia contar?

Ah, desde que me conheço por gente, se alguém vier falar merda vou discutir, vou colocar a verdade, não tem como apagar a história do time. No trabalho é todo dia, eu brigo pra defender a verdade.

Quando era mais novo nem gostava de papo com torcedores de outro time, mas já me estranhei bastante com meu pai por conta de time, já ficamos sem se falar, tanto que até hoje não assistimos clássico juntos porque ele é fanático também, hoje é um pouco mais tranquilo. Eu nunca saí na mão, amo a torcida, mas não compactua com isso.

8) Você já teve ações positivas por torcer pelo seu time?

Acho que não, não lembro de fazer caridade em função do palmeiras, eu prezo por amizade, já ajudei um amigo, com dinheiro com refeições, ajudo o tiozinho que trabalhava no bar, que hoje mora na rua, sempre ajudo.

A própria mancha, tem ação social, campanha do agasalho, doação de sangue, distribui marmitta, ação na favela, de Páscoa, de Natal.

Acho muito legal e a mancha tem muitas pessoas do bem, trabalhadoras e que fazem muitas ações sociais.

9) Caso você não fosse um torcedor fanático, como acha que sua vida seria diferente?

Acho que teria demorado mais para conhecer as maldades do mundo. A torcida, a porta do estádio, tem de tudo, do rico ao pobre, da polícia ao bandido, tudo isso moldou um pouco meu caráter, fora as vivências e as experiências.

Antigamente o pessoal da torcida organizada não podia usar piercing, furar a orelha, platinar o cabelo, não podia aparecer de preto em dia de jogo, hoje em dia não é mais assim.

Mas voltando a pergunta, acho que o futebol, o Palmeiras é um refúgio das dificuldades, do estresse, um momento que você esquece de tudo. vendo seu time,

Eu sou muito intenso, então para mim seria impossível torcer e não ser intenso, tem gente que larga tudo pelo time, não é o meu caso, porque eu priorizo meu trabalho, eu tento folgar, ou

entrar mais cedo para ver jogo, mas priorizo meu trabalho. Porém, seria impossível eu não ser um torcedor fanático.

10) Se você tivesse que definir seu time em uma palavra, música, ou frase, o que você usaria?

Uma música que define é:

“Quando o Palmeiras joga
Eu vou para incentivar
Ganhando ou perdendo
Não paro de cantar
No dia que eu morrer (vai demorar!)
Eu quero o meu caixão
Pintado de Verde e Branco
Como meu coração
Alegria, Alegria
Olê, Olê, Olá
Eu sou da Mancha, estou em festa
Eu faço carnaval”

[...] Até me emociona falar do Palmeiras, só quem é fanático entende, não tem explicação. E tem uma frase do Joelson Beting que diz “Explicar a emoção de ser palmeirense, a um palmeirense, é totalmente desnecessário. E a quem não é palmeirense... É simplesmente impossível!”, que define exatamente o que é ser palmeirense. Além do hino do Palmeiras, eu pretendo fechar minhas costas com os símbolos e com os títulos.

Mas enfim, acho que o fanatismo está relacionado com questões familiares, com um refúgio, você veste a camisa você se sente pertencente a um grupo. Às vezes você não é pertencente a um grupo e lá você é, além da questão de o futebol ser uma paixão nacional. O fanatismo vem como uma faísca de dentro que é acesa pelo futebol, pelo time.

Apêndice D - Transcrição da entrevista do participante C.

1) Qual a sua idade? Onde você mora? Qual bairro? Qual é a sua profissão?

Eu tenho 42 anos, moro em São Paulo e sou publicitário.

2) Como começou sua paixão por futebol?

Então, eu tenho uma lembrança de muito menino assim, eu sou super ligado ao meu tio, irmão da minha mãe, que é apaixonado por futebol e a minha história com o futebol começa criança, vendo os jogos em casa, a alegria e a energia da casa vendo o Corinthians jogar. Eu nunca, em nenhum momento da vida, pensei em outro time.

3) Qual sua primeira lembrança relacionada ao futebol?

Minha primeira lembrança é com 6 anos, o gol do Viola em 88. Ele fez um gol na final do Paulista em 88 e eu lembro da casa em festa. Antes disso, tenho fragmentos, mas essa é minha primeira lembrança mesmo.

4) Por que você escolheu o seu time e não outros?

Então, não teve um processo de reflexão, de análise, eu sempre fui corintiano, pronto, sabe? Ah, mas por quê? Não sei, a minha conexão direta é meu tio que é corintiano. Ele ama futebol, então tinha muito futebol no contato com ele e aí eu via muito, mas nunca rolou um lance de aí será que o São Paulo é legal será que o Palmeiras é legal, eu sou apaixonado por Pelé eu tenho uma devoção pelo Pelé mas essa devoção está conectada ao Corinthians nunca passado pela minha cabeça o Santos é um time legal jamais, não ouvi um processo decisório para a escolha do time, aconteceu.

5) Como você se sente vendo o jogo no estádio? Há diferenças vendo um jogo sozinho?

Completamente, completamente, completamente. Eu já vi muito jogo sozinho, já vi muito jogo com um grupo de 20 amigos, já vi muito jogo com meu tio, já viajei muito com o futebol, eu fui ver o Corinthians na final da Libertadores, eu fui ver o Corinthians no Mundial no Japão, eu vi a eliminação do Corinthians na Copa do Brasil, é completamente diferente. O estádio para mim tem um elemento de compreensão de um Brasil maior. Por mais que a gente esteja passando por um grande processo de elitização no futebol, por mais que as arenas e o pós-copa tenham um pouco o torcedor mais humilde, o Corinthians é um exemplo de que

conseguiu fazer isso, tem os lugares mais populares, quando eu vejo o jogo, eu adoro ver jogo do Corinthians fora, no Paulista eu vi uns 5 jogos fora, fui para Bragança, fui para Ituano, fui para Piracicaba. Nesse momento é o Corinthians mais tradicional, pega o ônibus, vai e sofre. Então é completamente diferente, para mim, ir para o jogo, por exemplo, ir à arena pegar o trem, pegar o metrô, que é algo que eu não faço no dia a dia, porque eu vou trabalhar de carro porque eu estou perto do trabalho, que é no centro Financeiro de São Paulo na Faria Lima. Então, isso é muito importante para me conectar com esse Brasil mais verdadeiro e mais real, mesmo com todo o processo de elitização que está acontecendo.

Entrevistadora: E você sente que tem alguma, pensando no sentimento, tem diferença do estádio para ver jogo sozinho?

Absolutamente. Eu diria que ver jogo sozinho em casa pela TV é uma experiência; ver jogo no bar com os amigos é outra experiência; ver na arena ou na sua casa, onde o seu time joga, é outra experiência; e quanto mais gente conectada, muda essa experiência. E ver o jogo do seu time fora como visitante é outra experiência.

Entrevistadora: E você tem algum que você gosta mais?

Ah, é ver na Arena Corinthians, ver na NeoQuímica Arena, indiscutivelmente, ver em casa.

6) Como você se sente quando seu time perde? E quando ele ganha?

Quando ele perde, eu fico muito puto e de fato mexe com o meu humor, indiscutivelmente, quando ele ganha, é um reforço de que legal que eu tomei essa decisão lá trás. É uma alegria maior.

Eu tenho filhos agora, né? Então, essa relação com o meu filho, com a minha filha, meu filho mais velho já foi muitas vezes pra arena comigo, já foi até ver o jogo fora, a gente foi a Bragança, muito legal. Minha filha pequenininha, eu a levei com nove meses, foi uma delícia, foi maravilhoso. E aí com o filho essa coisa ainda fica maior, fica mais amplificadas, assim. Mas é êxtase mesmo, assim, ver seu time ganhar, ver seu time ser campeão, é uma das maiores alegrias que existem.

7) Você já se envolveu em alguma discussão relacionada com seu time? Se sim, você poderia contar?

Então, eu sempre fui muito tranquilo, assim, eu sou zero na briga, sou zero na confusão, mas as únicas vezes que eu corri com polícia na vida foi por causa do Corinthians, ter que correr porque alguém criou uma briga, porque eu estava perto da Gaviões, mais de uma vez eu coloquei minha segurança física em risco por causa do futebol. Só me envolvi em confusão, envolvendo a polícia no Corinthians.

O futebol faz parte da minha vida e eu discuto, gosto muito da resenha, gosto muito da troca, mas discussão não. Aliás, dos quatro cenários que eu te contei, um que eu evito muito é ver jogo em bar, porque tem sempre uma galera que se exalta, fica puta, então eu até evito isso, definitivamente faço pouco, justamente para evitar confusão, assim, não sou da briga, não sou da treta, mas a discussão é saudável, a zoação, ah o Palmeiras não tem mundial, sabe? O que eu acho que eu tenho, que é um elemento que não me orgulho assim, eu acho que eu já fiz e no passado, sei lá, nos anos 90, era comum, você usar de ferramentas preconceituosas para se referir ao seu rival. Isso é uma coisa que eu aboli, mas que eu fiz, porque o adolescente nos anos 90 fazia. Eu deixei de fazer e hoje eu até fico bravo quando vejo alguém fazendo.

8) Você já teve ações positivas por torcer pelo seu time?

Tenho atuado bastante no Corinthians junto ao Marketing e com outras áreas eu fiz algumas ações sociais. Então eu me aproximei do Gerando Falcões do Corinthians e tenho um projeto agora super bacana que é de doação de roupas para mulheres em situação de vulnerabilidade. E lá atrás, no ano passado, eu fiz uma ação no Dia da Consciência Negra com uma ONG que se chama Papo de Menina e eles fazem um trabalho super legal de inserção de meninas negras da periferia no mercado de trabalho. E aí junto com o Papo de Menina, a gente trouxe o Cássio e o Carlos Miguel para essa história, um branco e um negro, mostrando que, não existem definitivamente diferenças dentro ou fora do campo por causa da cor. Usamos um quadro super legal, do Francisco Rebolo, que é um artista plástico dos anos 40, dos anos 30 e 40, que foi o cara que desenhou o Escudo do Corinthians. E aí o Francisco Rebolo tem um quadro lindo, que se chama “O Futebol”, é um quadro de 36 que tem um negro e um branco jogando em pé de igualdade, e é a primeira vez nas artes plásticas que o negro é colocado em equidade. Então, eu tenho feito coisas com o Corinthians. Eu acho que o futebol tem um poder de mobilização absurdo a gente quando faz, fala “que demais o que esse time está

fazendo”, mas dado o tamanho dessas organizações e a importância do futebol na sociedade, isso deveria ser feito cada vez mais.

9) Caso você não fosse um torcedor fanático, como acha que sua vida seria diferente?

Muito menos legal, seria muito mais chato. Quando eu era adolescente, quando eu era criança, eu era muito apaixonado pelo Corinthians, jogava bola todo dia, só vivia com a camisa do Corinthians. Ai adolescente, eu lembro que minha mãe falava assim, “ah, essa paixão do Cássio vai passar, ah, já ele vai arrumar uma namorada e passa”. Aí eu namorei e continua igual. “Ah, já ele vai entrar na faculdade e passa”, aí eu entrei na faculdade e não passou. “Ah, já ele vai arrumar um trabalho e ele não vai se preocupar com isso”, não passou. “Ah, já ele vai se casar”, não passou. “Já ele vai ter filho”, não passou. Então, eu não consigo entender a minha vida sem o Corinthians.

Tirando o nascimento dos meus filhos, muito provavelmente o Corinthians vem nos momentos mais legais da minha vida. Estar no Japão e ver seu time ser campeão do mundo, foi uma das maiores alegrias da minha vida. Eu tenho um super orgulho de poder fazer projetos com o Corinthians. Eu lancei um projeto de preservação histórica de conteúdo lá na Arena Corinthians. Foi demais! Um dos grandes momentos da minha vida. Então, eu não consigo ver um outro cenário.

10) Se você tivesse que definir seu time em uma palavra, música, ou frase, o que você usaria?

Paixão, uma paixão muito forte e eterna.

Apêndice E - Transcrição da entrevista do participante L.

1) Qual a sua idade? Onde você mora? Qual bairro? Qual é a sua profissão?

São Paulo, juiz, 54 anos.

2) Como começou sua paixão por futebol?

Eu lembro que eu tinha quatro anos de idade e me apaixonei, me encantou o São Paulo futebol clube, e não sei te explicar por quê. Talvez por influência do meu pai, que é um São Paulino, mas não é um cara fanático, mas eu desde os quatro anos de idade eu procurava ver notícias em jornal, notícias via rádio do São Paulo.

3) Qual sua primeira lembrança relacionada ao futebol?

A primeira lembrança que me encheu o coração de alegria foi entrar no Morumbi com quatro anos de idade no estádio.

4) Por que você escolheu o seu time e não outros?

Ah, eu sou tão fanático que vou dar uma resposta invertida. Eu não escolhi, fui escolhido para ser feliz e ser São Paulino. Eu não sei explicar, não.

Entrevistadora: E não teve influência familiar?

Eu acho que deve ter tido, o componente inicial foi meu pai que meu pai é simpatizante de São Paulo e, portanto, aí é essa ligação dele, ainda que superficial fez com que eu me vinculasse ao time dos campeões.

5) Como você se sente vendo o jogo no estádio? Há diferenças vendo um jogo sozinho?

Me sinto em casa. Ficar sem ir para o Morumbi, para mim é uma loucura, eu não consigo. Se tem jogo de São Paulo e eu não estou lá, eu fico até triste, é louco isso.

Entrevistadora: E pensando nisso, então você diria que há diferenças vendo um jogo sozinho?

Engraçado, porque eu nunca estou sozinho. Ainda que eu esteja sozinho, vou lá e encontro um monte de gente e, assim, vou te explicar o que acontece, eu assisto o jogo sempre no

mesmo lugar e por assistir desde criança, embora eu não conheça o nome das pessoas, a gente se cumprimenta. Há 50 anos eu vou no mesmo lugar. Dali, embora eu fique sozinho, me sinto bem. Lá no Morumbi eu me sinto muito bem.

Entrevistadora: Então você não assiste jogo de São Paulo em casa, por exemplo?

Ah, é raro eu não ir para o Morumbi.

6) Como você se sente quando seu time perde? E quando ele ganha?

Nisso eu sou um tanto quanto racional. Dá uma raiva quando perde. Ainda mais assim em um jogo importante, mas a raiva passa bem rápido. Também não vou ficar... às vezes demora um pouco pra dormir. Isso é verdade.

Ah, quando ganha é alegria total. Domingo, quando ganha, é pizza, pode pedir o que quiser. É muita alegria quando ganha e, assim, uma tristeza quando perde, mas é uma tristeza que passa rápido.

7) Você já se envolveu em alguma discussão relacionada com seu time? Se sim, você poderia contar?

Eu sou são paulino chato, né? Mas eu não lembro de ter me envolvido em nenhuma briga. Sempre vai ter discussão, inclusive, entre São Paulinos, quando alguém começa a falar uma besteira, eu discuto, mas algo mais grave, mais sério da minha parte não teve.

8) Você já teve ações positivas por torcer pelo seu time?

Já participei de várias e participo frequentemente opinando Como eu sou conselheiro lá, por exemplo, na semana passada teve, na entrada do time, uns meninos que eram cegos, que entraram, então apoiei isso. Agora, com o negócio da desgraça que está acontecendo lá no Rio Grande do Sul, o São Paulo está engajado em fazer arrecadação não só de valores, mas arrecadação de mantimentos isso também estou atento.

Temos uma série de ações sociais no entorno do Morumbi que é propriamente na favela de Paraisópolis, pega molecada para principalmente fazer atletismo ou fazer esporte. Então há um engajamento sim por conta de São Paulo e eu como estou engajado lá, acabo me envolvendo nessas ações.

9) Caso você não fosse um torcedor fanático, como acha que sua vida seria diferente?

Ah, sem São Paulo, eu seria um frustrado. Não sei nem te explicar, porque é tão presente na minha vida que eu não me vejo fora de algo, não torcendo para o São Paulo. Não dá, não dá para tirar isso da minha vida não.

10) Se você tivesse que definir seu time em uma palavra, música, ou frase, o que você usaria?

Campeão.

Entrevistadora: Você quer elaborar mais?

Ah, uma música, o hino do São Paulo, que quando toca eu me arrepio todo, e falar em São Paulo é sempre pensar positivo, pensar para a frente, pensar na próxima vitória. Por isso que eu te digo que a frustração e a tristeza de uma derrota duram pouco porque eu já penso no próximo jogo e que nós vamos ganhar.